

CONSUBSTANCIAÇÃO DO REAL EM OS MAIAS

Arinalva Paula dos Santos*

Resumo: O presente trabalho faz de uma leitura do romance *Os Maias*, de Eça de Queirós, com base no conceito de plurilinguismo forjado por Mikhail Bakhtin em seu *Questões de literatura e estética*. Nosso estudo pretende, a partir da análise de trechos escolhidos, relativos ao envolvimento amoroso entre os irmãos Carlos e Maria, evidenciar o real na obra consubstanciado.

Palavras-chave: Real; romance; plurilinguismo.

Não diria nada; o Guimarães sumia-se em Paris; e quem se amava continuava a amar-se!... Não criaria assim uma crise atroz na vida de Carlos, nem sofreria ele, como companheiro, a sua parte dessas aflições. Que coisa mais impiedosa, de resto, que estragar a vida de duas inocentes e adoráveis criaturas, atirando-lhes à face um prova de incesto!...

Mas. A idéia de incesto, todas as conseqüências desse silêncio lhe apareceram, como coisas vivas e pavorosas, flamejando no escuro, diante dos seus olhos. Poderia ele tranqüilamente, testemunhar a vida dos dois desde que a sabia incestuosa? [...]

[...] Então, a idéia que Carlos estava àquela hora na Rua São Francisco, dormindo com uma mulher que era sua irmã, atravessou-o com uma cruel nitidez, uma imagem material, tão viva e real, que ele viu-os claramente [...] Toda a beleza de Maria, todo o requinte de Carlos, desapareciam. Ficava, só dois animais, nascidos do mesmo ventre, juntando-se a um canto como cães, sob o impulso bruto do cio! (QUEIRÓS, 2005, v. 2, p. 272-273).

* Mestranda em Literatura Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Esse é o princípio do desenrolar do drama central de *Os Maias*, de Eça de Queirós: a relação incestuosa e inconsciente entre Maria e Carlos da Maia, de que trata este artigo, a fim de observar o modo como os discursos em torno desse fato são tramados no romance supracitado. O objetivo deste estudo é analisar as nuances apresentadas em alguns trechos previamente selecionados, os quais, de acordo com a leitura feita, exprimem de forma exemplar o discurso multifacetado inerente a esse romance.

A partir dessa análise, pretende-se verificar de que modo o conceito de plurilinguismo forjado por Mikhail Bakhtin, em seu livro *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*, destaca-se dentro da economia desse texto queirosiano, tendo em mente o modo como o real é disposto nessa trama em que um personagem como Carlos – criado pelo avô para ser um homem forte, virtuoso – acaba tendo um caso com a própria irmã. Dessa feita, buscar-se-á, por meio das considerações acerca dos trechos destacados, observar a maneira como as várias vozes, até mesmo contrastantes, dos personagens e do narrador, expressam, no romance, o inacabado do real pela exploração dos sentidos incompletos, ou melhor, suspensos, que tais trechos apresentam.

Atente-se para a passagem já citada em que Eça, a sós com seus pensamentos, desespera-se com o infortúnio que sua descoberta trará à vida de Carlos, seu amigo fiel. Note-se que Eça, num primeiro instante, cogita a possibilidade de calar perante a verdade. Essa cogitação, que numa primeira leitura poderia ser cruel, haja vista o terrível pecado que ele estaria a presenciar, é colocada para o leitor de modo bastante natural pelo discurso indireto livre de que se apropria o narrador, o qual, por vezes, parece expressar, por tal artifício, o seu pensamento pela boca dos personagens e vice-versa.

Por meio dessa apropriação do discurso indireto livre, imprimindo na folha o que passa pela cabeça dos personagens, o narrador queirosiano em *Os Maias* trabalha a questão do plurilinguismo que Bakhtin associa à crítica literária como sendo o ponto-chave para a observação do romance como gênero. Podemos ver que o fato de o que se registra como crítica de determinado personagem em relação a um acontecimento qualquer, quando expresso pelo discurso indireto livre, gera uma multiplicidade de sentidos que se pode atribuir a tal pensamento que acaba deixando, ao leitor atento, a desolação de uma semântica interrompida, suspensa, a qual o leva a se debruçar inúmeras vezes sobre o texto queirosiano, a fim de depreender o seu sentido último.

Ocorre que, em Eça de Queirós, não podemos falar em sentido último ou único dada a natureza de seu texto, o qual não prevê uma tese impondo uma verdade ao que está sendo dito. Eça parece querer, nesse sentido, extrapolar a noção de real, – mas não como se imagina puerilmente, apenas fazendo uma crítica à sociedade como se pensa o realismo como escola literária, – e sim trabalhando o real, o presente, como forma artística que tem sua expressão máxima no romance como gênero. Desse modo, cremos que podemos pensar essa suspensão, ou melhor, essa multiplicidade de sentidos inerentes a *Os Maias* especialmente no tocante ao incesto – ponto pacífico de toda a trama – como um modo de estabelecer uma proximidade máxima com o real, a qual, crê-se, configura em “*Os Maias* este aspecto híbrido e multiforme sob todos os aspectos” (DAVID, 2007, p. 14).

O que seria o real senão uma instância em que o aspecto híbrido e multiforme prepondera? Não teria o real, assim como em *Os Maias*, a ausência de um

desfecho ou de um sentido completo capaz de emprestar significado para os acontecimentos da vida? Tamanha fatalidade na vida de Carlos da Maia não contraria toda e qualquer tentativa de determinismo realista-naturalista?

O narrador coloca seja na boca, seja no pensamento de um mesmo personagem ideias tão contrárias quanto indissociáveis. Em outras palavras: assim como temos num dado momento, já citado anteriormente, um Ega que vê à sua frente não mais toda “a beleza de Maria, todo o requinte de Carlos”, e sim, apenas, “só dois animais, nascidos do mesmo ventre, juntando-se a um canto como cães, sob o impulso bruto do cio!”; temos também, em seguida, um Ega que perdoa e compartilha da dor do amigo em não poder resistir a uma paixão oriunda do pecado.

Nesse sentido, podemos considerar que, em *Os Maias*, o plurilinguismo de que nos conta Bakhtin está expresso na multiplicidade de vozes que não só demarcam e caracterizam os estratos sociais, as marcas de gênero, a nacionalidade, a naturalidade etc., como também explicitam os estados de alma, as oscilações de humor e temperamento entre os personagens no desenrolar da trama. Vê-se, aqui, em Ega, um breve exemplo disso. É possível perceber que os sentidos dados a um personagem, à sua fala e até mesmo ao narrador não são fechados, não são limitados por uma apreensão semântica capaz de definir os caracteres. Quando um personagem afirma determinada coisa – como mostraremos a seguir com o trecho em que Carlos se descobre enojado de Maria –, não significa que tal assunto de que ele trata está de fato resolvido ou solucionado e que o leitor tem em mãos a chave para a compreensão total de sua personalidade.

Em Eça, aqui especialmente em *Os Maias*, a configuração das cenas, dos acontecimentos e das personalidades se aproxima, quase que por completo, de uma tentativa de apresentação do real, da vida. Daí ser possível dizer que há, como o próprio final desse livro nos mostra, uma iniciativa de registro o mais próximo possível do real como marca do gênero romance. A título de exemplo, pode-se pensar a interferência, quase cômica, do Vilaça no momento em que João da Ega e Carlos discutem a respeito da revelação que este último fizera de seu parentesco com Maria. Vilaça, em meio aos diálogos tensos, intervém em busca de seu chapéu que havia sumido. Entre uma reflexão e outra, surge-nos alguma figura subalterna da trama à procura do chapéu.

Tal fato dá a impressão de que o que se pretende e o que se consegue com isso, dentro da economia desse texto queirosiano, nada mais é do que deixar em suspenso toda e qualquer tentativa de resposta capaz de desfazer o enigma que se coloca em *Os Maias*. A respeito desse aspecto, há algo que nos conta Bakhtin (1988, p. 400), falando sobre o gênero romance, que parece estar de acordo com o que sucede nessa narrativa queirosiana: “O romance introduz uma problemática, um inacabamento semântico específico e o contato vivo com o inacabado, com sua época que está se fazendo (o presente ainda não acabado)”.

Assim, o modo como os acontecimentos são conduzidos afasta a trama do determinismo inerente ao século XIX. Em certos momentos, a história que é contada parece querer dizer que tal peripécia – irmãos separados na infância que se reencontram na vida adulta e se apaixonam – poderia ocorrer a qualquer um, até mesmo com o próprio Ega que, num dado instante, conta um caso parecido ocasionado em Celorico, em que dois irmãos estavam prestes a se casar e, quando corriam os proclamas, descobriram-se irmãos.

Façamos, pois, a consideração de outros trechos a fim de observar como o plurilinguismo inerente ao caráter de real que carrega *Os Maias* se dá. Considere-se Carlos da Maia, mais precisamente o momento em que ele, deitado ao lado de Maria, deixa de amá-la. Em princípio, tem-se Carlos que se nega a aceitar o fato de não poder mais ser amante de Maria, pois essa é sua irmã. No entanto, logo em seguida, após algumas reprimendas de ordem exterior – afinal, seu avô, seu melhor amigo e seu administrador sabiam do ocorrido –, Carlos se vê combalido. Desse modo, o conflito é instalado: Carlos está entre a paixão sensual que sente por Maria e o fato de o seu objeto de desejo ser sua irmã. Atente-se para a próxima passagem. Ela traz algo que parece ser o discurso de Carlos a si mesmo, trazido pelo narrador, que fala a respeito do desamor que surge, àquela hora, pela mulher ao seu lado no leito.

[...] Era medo do avô, medo do Ega, medo do Vilaça; medo do seu quarto, medo daquela sineta do jantar que os chamava, os juntava; medo do seu quarto, onde a cada momento qualquer deles podia erguer o reposteiro, entrar, cravar os olhos na sua alma e no seu segredo... Tinha agora a certeza que eles sabiam tudo. [...] A sua vida moral estava estragada... Então, para que partiria – abandonando a paixão, sem que por isso encontrasse a paz? [...]

Já assim pensara... Mas antevira então um outro horror, um supremo castigo, a esperá-lo na solidão onde se sepultasse. [...]

Era, surgindo do fundo do seu ser, ainda tênue mas já perceptível, uma saciedade, uma repugnância por ela, desde que a sabia do seu sangue!... Uma repugnância material, carnal, à flor da pele, que passava como um arrepio. Fora primeiramente aquele aroma que a envolvia, flutuava entre os cortinados, lhe ficava a ele na pele e no fato, o excitava tanto outrora, o impacientava tanto agora [...] (QUEIRÓS, 2005, v. 2, p. 312).

Assim segue a descrição da repulsa que Carlos passa a sentir por Maria, a qual agora é “toda bestial”, comparada a uma fera “lenta e ciosa”, cujos cabelos exprimem a “rudeza de uma juba”, cujos membros eram os de uma “amazona bárbara”. Isso é o que é apresentado como justificativa do desamor de Carlos por Maria.

Uma leitura precipitada faz crer que se trata de fato de um relato sobre desencanto. Contudo, uma investigação mais profunda permite entender que tal compreensão não se encerra em si e essa passagem traz algumas questões que, de certo modo, expressam a multiplicidade semântica e, portanto, inacabada que o trecho alcança.

Em primeiro lugar, é possível pensar a questão do medo que se impõe a Carlos da Maia, parecendo conduzi-lo à sua resolução. Pergunta-se: seria a repulsa de Carlos condicionada pelo olhar do outro, pelo julgamento externo? Porque, dentro da estrutura do romance, as diferentes vozes, as diversas compreensões dos demais personagens parecem ter seu peso. Em outras palavras: o que pensam, o que julgam os outros personagens não tem apenas relevância na estrutura do texto queirosiano, mas também dentro da própria história, pois Carlos, é possível crer, é levado a se horrorizar de Maria justamente após acreditar ver nos olhos dos outros – mais precisamente de seu avô, Ega e Vilaça – a censura.

A censura não se dá apenas dentro do círculo íntimo do Ramalhete, mas Carlos vem sugerir que ela possa emergir da sociedade lisboeta como um todo; ou seja, a interdição é externa, vem do outro; e o externo, o outro, tem seu peso

nesse romance, assim como na vida que se acredita ser real. Isso equivale a dizer que o olhar de fora vem em *Os Maias* como mais uma nuance do real que, segundo o entendimento aqui apresentado, define essa obra, que tem o seu plurilinguismo manifesto nas diversas opiniões, determinações e julgamentos dos personagens e do próprio narrador, a sua tônica.

Voltando a pensar no trecho referente ao neto de D. Afonso, é possível observar que, assim como no trecho referente à angústia de João da Ega em ver seu amigo vivendo o dilema de se achar cedendo a uma paixão incestuosa, há uma semelhança no que diz respeito ao olhar do outro que julga. Enquanto, no primeiro, há uma menção a Carlos da Maia tido “como um excomungado que receia encontrar olhos puros onde sinta o horror do seu pecado...”; no segundo, temos um Carlos temendo que “qualquer deles [o avô de Carlos, o próprio Ega etc.] podia erguer o reposteiro, entrar, cravar os olhos na sua alma e no seu segredo...”. Resta, pois, a dúvida: seria esse discurso, que simula a retórica realista-naturalista, uma reação de Carlos à censura externa? Ou ele realmente sente o que é apresentado? Ou, ainda, estaria Carlos, na verdade, pensando daquela forma, entregando-se ao desejo por aquele corpo o qual o atraiu mesmo por ser daquela forma?

Não é possível saber, pois acredita-se que todas essas leituras sejam possíveis, haja vista o fato de que a ideia de uma verdade única e indissolúvel, capaz de explicar e esclarecer os acontecimentos, não se aplica a esse romance que, trazendo para o seu cerne o conflito do real, não se deixa apreender. Isso quer dizer: *Os Maias* é uma obra que não permite arreios, enquadramentos, pois, ao longo de suas páginas, os discursos vão avançando, mudando, retrocedendo, assim como no “real”, em que a apreensão dos fatos sempre se dá por uma impressão que se tem e não por uma certeza que se apresenta.

Desse modo, desconfia-se que apontar esse discurso de Carlos perante Maria como uma faceta realista-naturalista do romance é fechar os olhos para o problema estético por ele imposto, que extrapola qualquer conceito de escola em função do de gênero – romance –, pois “é graças a este plurilingüismo social e ao crescimento em seu solo de vozes diferentes que o romance orquestra todos os seus temas, todo o seu mundo objetual, semântico, figurativo e expressivo” (BAKHTIN, 1988, p. 74). É possível crer que o final desse livro traz um exemplo bastante profícuo a respeito do que aqui se defende.

Após um período vivendo em Paris, Carlos da Maia retorna a Lisboa. Encontra seu fiel escudeiro, João da Ega, alguns outros amigos e passeia pelas ruas buscando recordações. Tece comentários sobre seus patrícios, pergunta por alguns ausentes, observa a cidade, vai até o Ramalhete. Sempre acompanhado do amigo, providencia a mudança de alguns móveis; enfim, uma série de banalidades é narrada até que, em meio a uma conversa trivial, Ega pergunta a Carlos, numa displicência de quem fala do tempo, se ele tem notícias de Maria.

Carlos, por sua vez, no mesmo tom de Ega, sem expressar nenhum abalo, conta que ela está para se casar. Tal informação surpreende o amigo que lhe pergunta se o futuro pretendente de sua irmã sabia de seu passado. O filho de Pedro da Maia e Maria Monforte responde: “– Tudo, não. Ela diz que Mr. Trelain conhecia do seu passado ‘todos aqueles erros em que ela caíra inconscientemente’”(QUEIRÓS, 2005, v. 2, p. 354).

Após essa informação, a partir da qual se supõe que o tal noivo de Maria sabe tudo, ambos seguem percorrendo as dependências do Ramalhete. É curio-

so notar que o fato de Maria ter contado todo o seu passado ao futuro esposo não passa de uma especulação. Em nenhum momento é possível afirmar com plena certeza que Maria tenha relatado todos os pormenores de sua vida. Não se sabe a que se referem os “erros inconscientes” em que ela caíra. Indaga-se se de fato Maria contou alguma coisa ao *Mr. Trelain*, se, por acaso, os “erros inconscientes” seriam realmente erros, pois, ao cometê-los sem saber, sua culpa estaria redimida; ou seja, talvez ela não tenha contado, na verdade, nada sobre seu passado ao pretendente. Mais uma vez é reafirmada a estrutura do romance como gênero dando o tom semântico inacabado, incompleto.

Há de considerar que, de certo modo, esse tom inacabado que confere a *Os Maias* essa aproximação – talvez quase indissolúvel – da natureza do romance como gênero está, sem dúvida, ligado ao fato de a obra sempre suspender toda e qualquer tentativa hermenêutica imposta pelo plurilinguismo a ela inerente. Assim, busca-se, agora, orientar esta análise para uma apreciação das últimas linhas do romance, para, a partir da indagação do final irônico que a obra apresenta, ver de que modo a natureza romanesca, com todas suas implicações acerca do real, se faz sentir.

[...] Depois Carlos, outra vez sério, deu a sua teoria da vida, [...]. Era o fatalismo muçulmano. Nada a desejar e nada a recear... [...] Tudo aceitar, o que vem e o que foge, com a tranqüilidade com que se acolhem as naturais mudanças de dias agrestes e de dias de suaves. [...]

Ega, em suma, concordava. Do que ele principalmente se convencera, nesses estreitos anos de vida, era da inutilidade de todo o esforço. [...]

– Se me dissessem que ali embaixo estava uma fortuna como as dos Rothschilds ou a coroa imperial de Carlos V, à minha espera, para serem minhas se eu para lá corresse, eu não apressava o passo... Não! Não saía desse passinho lento, prudente, correto, seguro, que é o único que se deve ter na vida.

– Nem eu! – acudiu Carlos com convicção decisiva. [...] (QUEIRÓS, 2005, v. 2, p. 358).

Essa é a resolução a que parecem chegar Carlos e Ega – aceitar o fatalismo para uma vida próspera. Nada esperar, nada temer. Isso é o que eles nos dizem: diminuirão o passo, não correrão de encontro a nada ou ninguém, acolherão com tranqüilidade “as naturais mudanças de dias agreste e de dias suaves”, pois “era da inutilidade de todo o esforço”. Não é impossível notar que se estabelece nessa passagem um tom de conformismo, aos moldes do ideal de uma bela e próspera vida medíocre, aos moldes burguês. As grandes paixões, os arrebatamentos, deixam de ser a tônica daquilo que esses jovens aristocratas almejam. Tal perspectiva faz crer numa possível redenção, numa suposta e irônica crença na possibilidade de haver harmonia pela pretensa fê no fatalismo e na resignação.

Restam as perguntas: Teria, de fato, Carlos da Maia cedido ao fatalismo? Seria ele agora um homem resignado, cuja sorte está nas mãos do destino? Logo após tal conversa entre ambos amigos, Carlos se lembra de que havia marcado um jantar às seis horas em ponto com alguns ilustres e queridos lisboetas. De repente, lembra também que havia se esquecido de pedir para que lhe preparassem paio com ervilhas. É interessante reparar na brusca queda de tom que essa parte da história assume. Nesse ponto, a ironia toma o seu lugar e assume para si o papel de dar o desfecho da obra: se, em um instante, temos Carlos e

Ega divagando a respeito da vida e seu rumo; no outro, temos Carlos num tom quase que risível se lamentando pelo fato de ter esquecido de fazer a encomenda de uma iguaria que tanto desejava saborear em Portugal.

Em princípio, é possível perceber essa passagem, quase que ingênua, como apenas um entremeio narrativo. Contudo, ela serve justamente como contraponto a todo o romance, conferindo-lhe, novamente, uma aproximação do real pela multiplicidade de vozes que assume e das quais se utiliza. A proposital banalidade com que a obra se encerra, quando se pensa na alteração de ânimo por que passa Carlos ao se lembrar do paio com ervilhas e se aperceber alguns minutos atrasado para o seu compromisso, dá o tom da ironia que se firma, corroborando o plurilinguismo que defende esta leitura.

Não parece ser à toa que isso ocorre. Quando toma consciência do atraso, Carlos se mostra não apenas contrariado, mas até mesmo irritado – tal disposição de temperamento não condiz com um homem resignado com o seu destino –, e, dessa forma, lamenta não haver por perto uma tipoia que o pudesse conduzir, o mais rapidamente, ao Braganza. Reparem na pouca disposição para a resignação que aqui é mostrada. Carlos e Ega não apenas se afligem em estarem atrasados, como prontamente procuram uma solução para tanto. Ega vislumbra ao longe o “americano” ao que Carlos diz: “Ainda o apanhamos!”. Ambos correm para alcançar o transporte.

Os dois amigos lançaram o passo, largamente. E Carlos, que arrojara o charuto, ia dizendo na aragem fina e fria que lhes cortava a face:

– Que raiva ter esquecido o paiozinho! Enfim, acabou-se. Ao menos assentamos a teoria definitiva da existência. Com efeito, não vale a pena fazer um esforço, correr com ânsia para coisa alguma... [...]

A lanterna vermelha do “americano”, ao longe, no escuro, parara. E foi em Carlos e em João da Ega uma esperança, outro esforço:

– Ainda o apanhamos!

[...] Então, para apanhar o “americano”, os dois amigos romperam a correr desesperadamente pela rampa de santos e pelo Aterro [...] (QUEIRÓS, 2005, v. 2, p. 359).

Eis o final do livro. O seu conteúdo irônico não vem apenas confirmar o que aqui vimos defendendo, a simulação do real como definidora desse livro que parece ser por ele consubstanciado, como também estabelecer os termos relativos ao fatalismo que ensaia ser a tônica do livro. Muito pelo contrário. De acordo com que se entende, esse derradeiro acontecimento de *Os Maias*, permeado de ironia, nada mais faz que reafirmar o plurilinguismo a ele inerente. Em outras palavras: quando temos Carlos e Ega correndo, e mesmo correndo reafirmando a forma resignada com a qual passariam a viver, impõe-se o irônico como uma das facetas da suspensão semântica, retirando do leitor queiro-siano qualquer possibilidade de crer nessa obra como um mero retrato realista-naturalista da sociedade lisboeta. Não se pode negar que se tem, em *Os Maias*, uma das mais brilhantes expressões da natureza romanesca.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Unesp, Hucitec, 1988.

DAVID, S. N. *O século de Silvestre da Silva: estudos queirosianos*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007. v. 2.

MUECKE, D. C. *Ironia e irônico*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

QUEIRÓS, E. de. *Os Maias*. Porto Alegre: L&PM, 2005. 2v.

SANTOS, A. P. dos. The Embodiment of the real in *Os Maias*. *Todas as Letras* (São Paulo), v. 11, n. 1, p. 23-30, 2009.

Abstract: This paper is a reading of the novel Os Maias, by Eça de Queirós, bearing in mind the concept of plurilingualism framed by Mikhail Bakhtin in Departing from the analysis of chosen excerpts related to the love relationship between the siblings Carlos and Maria, our study intends to bespeak the reality embodied in the work.

Keywords: Real; novel; plurilinguism.